

Monte Sião



A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m.

Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Junho de 2022 - Nº 600

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

AROMAS DA INFÂNCIA

JOSÉ ANTONIO ZECCHIN

saudade Tenho dos cheiros da minha infância. Quando entrava na cozinha e minha mãe assava um bolo no fogão a lenha e eu lambuzava os dedos numa enorme tigela onde ela misturava os ingredientes antes de levar ao forno. O aroma se espalhava pela casa despertando gulodices. Na cozinha havia um guardacomida, coisa antiga, onde se guardavam as sobras de alimentos. As frutas no pomar ficavam num cesto de vime e cheiravam maduras. Os legumes da horta cheiravam quando eram cortados. E cheiravam as orquídeas do enorme orquidário do meu pai. E cheiro de roupa lavada e pendurada nos varais que secavam ao vento. Quando chovia, cheiro de chuva e terra molhada e a

gente deslizava por caminhos de lama.

As colinas da cidade com parreirais carregados de frutos espalhavam o cheiro de uva doce nas tardes ensolaradas. Abelhas aproveitavam para colher néctar e fazer mel. Quando ia benzer nas benzedeiras, aquele cheiro intenso de arruda e alecrim, misturado com velas acesas. A benzedeira fazia uma cruz na testa com óleo quente, que sarava simioto, quebrantos e os males dos espantos. Esfolados tinham cheiro de mertiolate, daqueles que ardia. Claro, algumas vezes lágrimas com gosto de sal. Mas tudo dá gosto na vida.

Quando fui seminarista, havia uma grande despensa próxima ao refeitório do seminário. Ali eu guardava alguns alimentos trazidos pela minha mãe: maçãs, pacotes de bolacha, barras



de chocolate, cereais, balas. No local ficava um agradável cheiro adocicado. Às seis da tarde soava a Ave Maria e vinha a fumaça da chaminé anunciando o jantar, cheiro de arroz e feijão, carne de panela com batata.

Os aromas de hoje são outros. Os dias envelhece-

lar sua presença ante a desgraça.

início à minha profissão, meu

Ao voltar para casa e dar

ram. As varandas ficaram vazias. Os fogões a lenha ficaram frios. Os aromas de infância desapareceram. Ficou tudo o que não cheira.

pai mandou imprimir envelo-

pes personalizados com meu

nome, sem se esquecer do

doutor, a sua alegria, já que era

isento de orgulhos. E, quando,

Minha mãe se foi. No ar ficou um cheiro de saudade...

0,0

CRÔNICAS DA MINHA GENTE AUSÊNCIAS

0.0

IVAN

Na noite da sua morte – arfando que estava para sorver a última golfada de ar que o enfisema lhe roubara – meu pai virou os olhos pelo quarto procurando alguém e perguntou: "Onde está meu filho?". Meu irmão e minha irmã aproximaram-se dele. "Estamos aqui", disseram. Meu pai sorriu, confortado, e prosseguiu: "E o outro?". Eu não estava ali.

Vivi intensamente com meu pai, pois fui filho único até aos oito anos de idade e, em minha juventude, enquanto meus irmãos eram ainda crianças, varamos noites em serenatas ou em pescarias no Eleutério, o mais caudaloso rio das lembranças minhas. Criança ou jovem como eu, meu pai mandava buscar pelo reembolso postal madeira própria para construir aeromodelos e, após a decolagem, ficávamos ambos apreciando as piruetas do avião. Sorrateiramente, como se ele não pudesse perceber, eu segurava sua mão, porque, assim, nem o mundo inteiro poderia comigo. Fazia, também, papagaios de várias cores e de enormes caudas, que ele dizia serem para mim... mas que ele próprio empinava, lançando a linha sobre o fio da antena do rádio, conseguindo o primeiro impulso, ganhando o céu de Monte Sião, que sempre me foi azul, ainda que com chuva. Quando o papagaio retornava, cativo como partira, sentados no chão de terra comemorávamos.

comendo goiabada com queijo, dupla extinta, embora ainda exista. Não sei como e nem de onde ele me comprava livros — Gulliver, Fantasma, Lilliput — e, para que eu criança pudesse dormir, cantava canções que ocupam minha cabeça até agora, preenchendo o lugar de alguma dor que, porventura, tentasse substituí-las. No entanto, na noite em que ele pela última vez me chamou, quem sabe para dizer tchau, eu não estava lá.

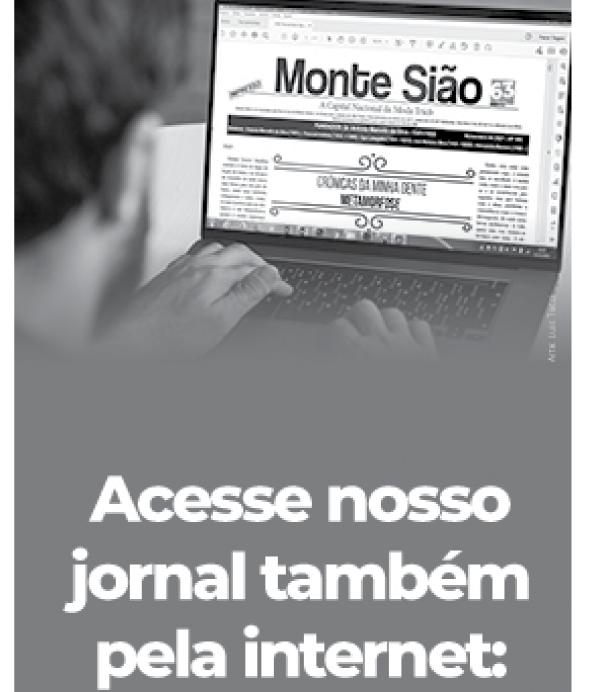
Quando saí de casa para estudar – tinha onze anos e só voltei depois que o mundo me alquebrou de ameaças consumadas – ele me enviava cartas dando-me conselhos de que eu não precisava. Mas dormia com a carta, de letras pequenas e bem feitas, sob o rosto. Tinham o cheiro dele. Nas férias – sempre preferiu minha companhia à dos amigos – se restava algum trocado, com minha mãe íamos a Campinas para andar de bonde e, depois da aventura inigualável, saborear o máximo da gastronomia: pizza de muçarela, que num rompante estranho à minha índole, eu mesmo pedi, exigindo pão de acompanhamento. O garçom, se vivo, ainda deve estar rindo, mesmo com a raiva e a vergonha que também ainda sinto. Em vez de me ironizar ou de me orientar da gafe, meu pai apenas sorriu – "Cada um come o que quer e como quer", fazendo corar o garçom, que se desculpou, e me fazendo crer que acabara de lançar nova moda de etiqueta e bons modos à mesa. Nunca respondi às cartas, a não ser quando necessitava de dinheiro, que ele não tinha e eu não me preocupava sobre como consegui-lo. Foi numa serenata que eu preferi a companhia da rapaziada, depois que o grupo tocou uma valsa de sua autoria e todos disseram ser a melhor música feita entre os compositores da terra, ele procurou, olhando pelas ruas escuras, o filho para repartir o êxito. Mas, nessa noite de êxito, eu também não estava lá.

Não pude tomar parte nas festividades da minha formatura porque as comemorações, pagas, estavam muito além das possibilidades financeiras do meu pai. Durante todo o curso, só havia o dinheiro para a pensão e nada mais. Nem para roupa, nem para acompanhar os colegas ao cinema, nem para um triste doce. Foi, e ainda é, um enorme e dileto amigo -Dráusio Silva, de Santa Rita de Caldas, alô Dráusio, tudo bem? - que, com sua generosidade não permitiu que a situação fosse ainda pior. Jamais poderei pagar-lhe a amizade que compartilhamos e os momentos menos tristes que me proporcionou. Só me resta, de vez em quando, abraçá-lo fraternalmente pelo telefone e saber da sua saúde truque que os velhos usam para conversar. Mas ele nunca está, isto é, não está em casa, pois se encontra, sempre, socorrendo alguém, ajudando, mantendo o bolso permanentemente vazio, por mais dinheiro que entre. Descobri que sempre vai ao presídio levar presentes aos infelizes, presentes para dissimular o estender de suas mãos, para vecom o pacote debaixo do braço, mostrava os envelopes para a população inteira, querendo declarar seu contentamento, mais uma vez eu não estava presente.

Mais uma vez eu o deixara só em seu entusiasmo.

Um feio dia nossa casa

Um feio dia nossa casa amanheceu envolta em sinistro silêncio. O silêncio, tanto serve à paz como à desgraça. Entrei ressabiado. Na mesa, meu pai estava debruçado. Chamei, "Pai, pai". Levantou a cabeça e vi um desconhecido rosto, envelhecido, encarquilhado, os olhos em brasa, desacostumados de chorar, e profundamente tristes, a barba crescida repentinamente, a boca puxada pela dor. Seu corpo tremia. Os braços, inertes. "Filho, eu preciso morrer", balbuciou, "Quero morrer, tenho que morrer". Abracei-o com todo amor que se possa tirar das coisas boas e negras que a vida faz brotar em nós. Ergui seu rosto pálido: "Pai, gracas a Deus, hoje estou aqui".



www.fundacaopascoalandreta.com.br

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 44

ISMAEL RIELI

Na eterna busca do sonho Minha vida se dilui E eu sinto, amargo e tristonho, Saudades do que não fui

(Elzira

Abdalla)

Por amor de, promode, mode, por causa, por conta de.

Ainda se encontram alguns mineiros, especialmente oriundos das outrora povoadas e famosas fazendas Colomi e Paulini, que nas suas deliciosas falas, pespegam um promode ou morde ou mode, sinônimos de por causa de.

Dita Mariana, mãe do José, um rapagote bem leso, vivia a alertá-lo: "fuja José promode a vaca".

Agora, de uns tempos a essa parte, jornalistas, colunistas, comentaristas sepultaram o por causa. Só usam e abusam do por conta de. Errado não estará, mas eu continuo com o por causa.

Numa conversa de quinze minutos com um colegial, tive a pachorra de contar. Ele empregou 37 vezes a palavra TIPO, completamente fora de contex-

Essa tiririca alastrou-se talmente que compromete o pobre vocabulário da maioria de nossa juventude, refém do celular. Ele vem quase sempre seguido do advérbio assim. Tipo assim...

Reparem como essa praga prosperou, mas não há de perdurar para sempre.

Teleco, O Poeta dos Acrósti-

Veio lá de cima, de Manhumi-

rim, nordeste de Minas, divisa com o Espírito Santo.

O pai Dionísio Resende era barreirista e veio transferido para Monte Sião, divisa com São Paulo, com sua trempa de filhos, de dois casamentos.

Barreirista era uma profissão que espalhava muitos funcionários pelas bordas de Minas Gerais. Aqui em Monte Sião havia vários deles, inclusive meu avô materno, Antônio Gotardelo, que, em terceiras núpcias, se casou com Alzira, filha do colega Dionísio, irmã do Teleco.

Consta, e é verdade, que Antônio Resende (Teleco) era um rapaz muito guapo, que bulia com o coração das donzelas casadoiras, uma delas da aristocracia aqualindoiense, namoro esse que lhe custou transferência compulsória para o cassino do Guarujá. Antes de Dutra os cassinos eram legalizados. Dona Santinha, mulher do presidente, pediu pra ele fechar todos os cassinos do país. O cassino das Thermas funcionava no imponente Hotel

Lindóia, onde Teleco era cru-

piê. Naquele tempo namoros não autorizados eram desfeitos com remoções irrecorríveis.

Fechados os cassinos, Teleco voltou e, exímio craque da bola, foi pra Itapira jogar pro time do Sarkis, poderosa fábrica de chapéus.

Foi em Itapira que se candidatou a um cargo humilde (contínuo) no Banco do Brasil, quando não havia melhor profissão que bancário do B.B. Ingressou no banco em Pirajuí e fez carreira passando pelas agências de Americana, Ouro Fino e Itapira.

Foi em Pirajuí que encontrou Matilde, mãe de suas duas filhas, companheira inseparável, costureira de truz.

Como bom mineiro, Antônio Rezende, fez seu pé, aliás seus dois pés de meia.

Pinicava com maestria as cordas do violão e cantava deliciosos chorinhos, gostava de poetar. Deixou muitas quadrinhas e inúmeras poesias acrósticas. Foi o derradeiro filho de Dionísio a nos deixar com 98 anos bem vividos.

Respostas no final:

1 – Qual a diferença entre a galinha e o vestido?

2 – Qual a diferença entre o

rico e o pobre? 3 – Qual a diferença entre a

mulher vaidosa e a onça?

4 – Qual a diferença entre o penico e a panela?

5 – Qual a diferença entre o zí- – o último, acaba de nos deixar, per e o elevador?

6 – É um especialista em montar presépios. Qual o nome

Lind, meu derradeiro tio.

O comerciante Antônio Caetano teve um comércio na descida da Rua Direita, entre o Shimodinha e a quase centenária Loja do Plácido. Depois foi barreirista em Monte Sião e nas Lavras. Em seus três casamentos, deixou uma dúzia de filhos: Emília, a primogênita e Lind, o caçula. Filho de Gaetano Gotardello, era conhecido tanto por Antônio Caetano como por Antônio Gotardello. De seu enlace com Ernesta Genghini nasceram: Emília, Lourenço, Paulino, Helena, Anita, Júlia (Neca) e Ernestina, cuja irmã gêmea não sobreviveu. Ernesta esvaiu-se em sangue até a morte no parto.

Do segundo casamento, com Angelina, que também morreu de parto, nasceram Cid e Meminha.

O calejado Antônio enviuvou de novo e, em seguida, esposou uma filha de seu colega Dionísio Resende, barreirista, recém-chegado de Manhumirim, divisa com Espírito Santo. Do matrimônio com Alzira nasceram Leida, Neusa e Lind, completando uma dúzia.

E agora, o exímio artesão Lind

após 86 anos em Monte Sião. O eclético Lind foi pasticeiro de Joaninha (que doces inesquecíveis!), foi artista da porcelana, clarinetista competente e exímio artesão do museu onde

suas obras se destacam.

Casado com a prima, professora Dorli, deixa dois filhos, dois artistas – Berg do pincel e Otávio do Piano. Os filhos herdaram os dons do pai que nasceu, viveu, fez muito por sua querida Monte Sião.

Números inconcebíveis, inaceitáveis, escandalosamente pornográficos.

No celeiro do mundo, 33 milhões de brasileiros passam fome. 125 milhões - 58% da população - não tem comida todo dia no prato.

Em BH, 24 carros são roubados por dia.

Em São Paulo 42 celulares são roubados por hora.

Perambulam pelas e dormem nas calçadas dos 5568 municípios brasileiros 184 mil pessoas. 43 mil em são Paulo; 10 mil em BH e no Rio.

PRF de Sergipe imita Hitler. As várias câmaras de gás alemãs do genocida exterminaram cerca de 5 milhões de Judeus, o equivalente a 4 vezes a população de Campinas. É muita gente.

2 brutamontes trogloditas da

Polícia Rodoviária Federal de Sergipe algemaram, amordaçaram Genivaldo (que cometera hediondo crime de pilotar sua moto sem capacete) e, como se fora um saco de batatas, jogaram-no no porta malas da viatura. Em seguida agraciaram-no com a explosão de uma bomba de gás pimenta. Caras de pau, alegam que Genivaldo morreu de um mal súbito, versão desmentida pelo IML. Ele morreu asfixiado.

Muito triste e revoltante ver os movimentos das pernas de Genivaldo agitando-se a pedir socorro, talvez já nos extertores. E o Brasil fornece mais uma manchete deprimente para a imprensa mundial.

Sérgio Buarque, afinal o brasileiro não é um povo cordial?

Respostas:

R 1: A galinha bota, enquanto o vestido desbota.

R 2: É que o rico come caviar e o pobre come o que vier.

R 3: A mulher anda maquiada; a onça, pintada. R 4: Se você não sabe, nunca

me convide para almoçar na sua casa... R 5: O zíper a gente sobe pra

fechar; o elevador a gente fecha pra subir. R 6: Armando Nascimento de

Jesus

Fábula do Furgão Doces Neusa

JOSÉ **ALAERCIO ZAMUNER**

Ainda era bem no primórdio dos tempos. Cantare contava com suas casas miúdas e nada de asfalto, muito melhor, já que um animal prefere muito andar, trotear em mato ou chão de terra batida. Bom, mas o progresso sempre fuça e muda a vida sossegada das pessoas. A dos bichos não, porque eles não gostam de escorregar.

Então, tudo seguia muito bem conforme o que foi dito acima. Chuva batia, e a estrada virava lama, para os bichos e moleques, uma alegria de tantas valas e poças d'águas nas veiradas que ficavam esburacadas com as enchorradas, e qualquer um

(bicho ou gente) podia se total..., e o senhor motorista, espojar ou até se esconder. Um dia o Quim Sibirino, bêbado, caiu numa vala dessas, cheia de água da chuva que estava. Mas o povo da venda o socorreu. Sem falar nos mistérios que rondavam

Bom, então foi que bem numa segunda-feira, dia que prometia labuta bruta, logo pela manhã vem o Furgão da DOCES NEUSA subindo de Monte Sião. Veio roncando demais da conta, pega a subidona, logo depois do Ricer, já perto da Igreja, começa a derrapar, (Ah, tinha dado uma chuva boa), ladear, e urra, urra, ladeia mais, e de repente, desliza de vez e cai numa enorme vala, ficou atolado

um homem muito bom, claro, baixo e um pouco acima do peso, (acho que comia muito daqueles doces) começa a pedir ajuda. Entra o povo em ação. Vem o Tião Tropeiro de Monte Sião com junta de burro, vem o Cinésio Migué com bom Alazão, engatam os animais no furgão dos doces e tentam tirá-lo da vala, nada, e além, com a força dos animais, a corda estourou, e o furgão tombou; e a porta abriu; a porta abriu... doces espalharam pelo chão. Instante!... Cheiro de doce sobe e invade os ares de Cantare inteiro, nossa: gibi, coração doce de abóbora e de batata doce que é o doce mais doce, suspiro dobrado, maria mole, mole, pirulito que

bate bate esperança, bananinha... de fustigar todas as almas; digo: todas as almas das pessoas; dos santos da igreja; dos santos daquelas matas e roças...

Bem nesse segundo que o tempo escureceu, vem nuvem negra e cobriu o céu dos Francos Cantare, parece que era dezembro, troa e retroa trovão... veem beem relâmpago paartir o escuro do teto. Mas não choveu... Quando outros moradores atores aparecem saídos de suas quaisquer casas: o palco tava posto frente à casa do Bastião Pinto, de um lado, e do outro, Dona Nicola e Seu Camilo. Os doces espalhados pelo chão de pura terra batida e voando, voando pelo ar... Nem te conto! Quando olharam pro morro

do Nini, mata da Dona Valeriana, seres estranhos vindo, e não eram sombras não, o que os mais velhos iam reconhecendo e apontando: olha, vem o saci do Recanto do Saci, gente, a mula sem cabeça descendo o morro. O Dito do Bastião Pinto grita um grito tremido com sua fala fina e delicada: Olha o Lobisomem vindo, gente, socoorroo!... (mas não era, era o Nersão do Grotão) Desce também o Curupira conduzindo os bichinhos de pena e os bichinhos de pelo. Daí, por causa dessa gritaiada, sobe da baixada do Zé Carinta a Mãe D'Agua, toda enfeitada. Por fim, restou só cena de falas-risos-rosnares misturados, naquela nesga de tempo de uma segundafeira bruta, tinha de ver. O

Nardo pegou um pouco pra venda, o Zé da venda também... Cosme e Damião desceram da Assunção! E todos, afoitos, querendo pegar e comer e comer até se fartarem com os doces da Doceria Neusa. Mas. o senhor dono do Furgão ia falando com calma, que não precisava correr, que tudo estava ali posto, agora, pra todos os seres: Podem comer à vontade minha gente, que este acontecimento veio trazer novidade e alegria diferentes aos viventes de Cantare. Arregalem-se!

Esse foi um dia do Furgão da Doces Neusa que tombou na subida dos Francos Cantare. Qualquer um conta essa história; desse

Rua Argentina, 19 - Centro

(no Balão)

(19) 3924-1196

Agulhas e platinas

para remalhadeiras

para retilíneas - Agulhas e ponteiras

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores - Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo - Bernardo de Oliveira Bernardi, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG Fotografia – José Cláudio Faraco Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação - Carlos Alberto Martins Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jorna que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acom panhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br





ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO)

Fone:







AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro

(em frente ao Itaú) (35) 3465-1120 / 3465-5633 Monte Sião/MG



Programe sua festa - nós temos o local! RESTAURANTE

DA LICINHA Espaço para 250 pessoas Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

R\$ 1.710,00: RETRATO DA AVAREZA ADMINISTRATIVA

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

É do conhecimento geral de que em março deste ano chuvas torrenciais causaram enchentes em alguns córregos e ribeirões do perímetro urbano da nossa cidade. Um desses cursos d'água é o Ribeirão Rafael Chincherini – aquele córrego que desce da vertente nordeste do Morro Pelado, margeia o Bairro do Alto da Serra e deságua no Rio das Pedras, na Vila São Simão.

Embora tenha sido um problema local, também já é do conhecimento geral que a enchente de março no Ribeirão Rafael Chincherini destruiu a tubulação de transposição da Rua Rio das Pedras, na Vila São Simão, fato que interrompeu o trânsito desta via pública e o abastecimento de água, por parte da COPASA, aos consumidores residentes do outro lado do dito ribeirão.

Imediatamente, na manhã do dia seguinte, a COPASA resolveu o problema de abastecimento e uma tubulação

provisória foi instalada, até que a nova transposição do ribeirão seja solucionada pela prefeitura.

No entanto, a valeta com a tubulação danificada e transversal à via pública ficou ali exposta e sem proteção por mais de uma semana, exceto por algumas fitas amarelas de sinalização do perigo. O trânsito foi intuitivamente desviado para a Travessa Rita de Oliveira, sem qualquer sinalização do desvio ou atitudes do poder público. Quinze dias depois do ocorrido uma proteção de madeira foi feita nas duas beiradas da valeta e o sinal de desvio foi colocado, apenas para o fluxo em direção ao centro da cidade. O local continua perigoso, sem qualquer sinalização para quem sai da Avenida das Fontes - com trânsito caótico nos horários de pico, com estacionamento livre em ambos os lados da travessa do desvio – causando transtornos para os moradores do entorno, colocando em risco de acidente nas três esquinas que envolvem o desvio e,

sobretudo, lesando o direito do livre trânsito às centenas de usuários da via pública interditada, que por ali precisam passar muitas vezes e todos os dias.

Note-se que essa interdição afeta todo o trânsito de acesso ao Município de Jacutinga, ao hotel fazenda Guarany Country Hotel, aos Bairros do Rio das Pedras, Pinheiros, Grama Roxa e Coqueiral, ao Loteamento do Rio das Pedras, às Vilas São Francisco, São Simão e São José, além de centenas de moradores da zona rural e urbana da cidade, que são residentes "do outro lado da valeta aberta".

Tem-se notícias de que está em andamento um projeto da prefeitura para a urbanização da área com a canalização definitiva do ribeirão, mas isso leva tempo por exigências das tramitações de uma licitação pública. No entanto, uma ponte provisória poderia ter sido construída sem os trâmites licitatórios, por se tratar de obra emergencial decorrente de uma enchente imprevista e

calamitosa.

Não se pede uma obra definitiva, como a que deve estar sendo planejada, mas exigese uma ponte provisória, tipo ponte de madeira bruta, como tantas da zona rural, para o trânsito de veículos leves.

Considerando-se que a Prefeitura dispõe equipamentos (máquinas, carregadeiras, caminhões, motosserras, etc.) bem como de pessoal capacitado para construção de pontes rurais, o custo dessa "ponte quebra galho" teria custo praticamente zero para a prefeitura, bastando apenas conseguir dois eucaliptos adequados existentes aos milhares no nosso município. Lembremos que nas chuvas de janeiro de 2013 as enchentes destruíram várias pontes do Município e, na ocasião, a Família Daldosso doou mais de vinte eucaliptos para serem usados como linhas (vigas) das pontes, que mesmo sendo várias, foram reconstruídas em menos de 60 dias. Essa interdição de 2022, com a queda de uma ponte minúscula, já soma 100 dias de transtorno.

Ao ser questionado, o Prefeito justifica não querer gastar duas vezes com a mesma obra, mas ele está equivocado. Já que a ponte definitiva ainda deve levar ao menos ainda outros 100 dias, o que se pede é uma "ponte emergencial de roça", para evitar os transtornos a que os usuários estão

submetidos. Na impossibilidade de se conseguir gratuitamente dois eucaliptos para a construção dessa "ponte quebra galho", a Prefeitura pode comprar postes de eucalipto tratado usados. Seriam necessários 4 (quatro) pedaços de 8 m (oito metros) para a linhas da ponte (vigas de sustentação) e mais 5 (cinco) pedaços de 5 m (cinco metros), para serem desdobrados em pranchões de 5 cm (cinco centímetros) de espessura, para o lastro da ponte. O metro linear de poste de eucalipto tratado e usado é de R\$ 30,00 (tem ali em Mogi Mirim), as peças necessárias somam 57 m (cinquenta e sete metros) lineares de comprimento, que custa R\$ 1.710,00. Se a prefeitura tem a mão de obra e os equipamentos necessários, este seria o valor investido pelo poder público para a solução paliativa do problema dessa ponte caída. A avareza – o sétimo peca-

do capital – quando exercida por uma pessoa física a torna asquerosa, nojenta, repugnante, pois o avarento é impiedoso, insensível, sovina, agiota, cobiçoso, mão-de-vaca, muquirana, ciumento, invejoso. Ele é obcecado por adquirir e acumular dinheiro a qualquer custo, coloca o dinheiro acima de qualquer coisa e, acima de tudo, não é generoso. A mesma avareza, quanto exercida por uma pessoa jurídica, por exemplo uma administração municipal, faz desta uma administração pouco generosa e eficientíssima em juntar dinheiro, ao ponto de se recusar em dispender do valor de R\$ 1.710,00 para a segurança e o bem estar de uma parcela da população.

MATHEUS ZUCATO

Era uma ensolarada e ventosa manhã de agosto, mês de ruas da cidade em maquiadas cicatrizes e furúnculos acobertados sob a pasma de pétalas roxas. Os pássaros cantavam alto; na feira, fartavam-se morangos; as pipas rasgando de azul céu inerte; e Honorino escutava de guisa radialista as notícias de que faria epidemia no semanal cidadão. Ia tudo bem, monolítico estado que nem o sopro brabo do mundo não fazia mover. Tranquila história era a da cidade que tinha bar como ponto rodoviário, nonde frenteava-se exuberante bomba de gasolina: vermelha combinação com placa do Bar do Chique, local-venda de combustível para a sede dos carros e dos homens, além dos bilhetes de ônus. Honorino muito tempo depois se arrependeu de naquela manhã haver gasto o esbravejo matutino com pequenez de um roncar de um ônibus atolado em si próprio, quando da sala fronteira absorvia as radialistas matérias-primas de seu "tá-sabendo?", que mais tarde escusaria sua presença no Chique.

Fundeava na xícara esquecida a borra de café em desenho de ferradura, quis saber leitura da cafeomancia arábica; noticiava-se de últimas; dedavam a campainha na casa da mãe: olhou lá fora à torcida de que fosse ninguém, engano d'um repente, voltou-se para a ferradura gelada num suspiro. Repetiamse; ele não. Ergueu-se na cadeira, na voz de "quem?", e a porta aberta sob a senha: Honorino, abre pra Escalhote! Vim de ajudas! Que faz hoje em seu remate da soltelidão? De nada entende o primeiro, apesar do contente ver-amigo. Como do torto sorriso não escapa réplica, o ébrio continua, "Honorino, felicidades! Felicidades! Enfim era tempo de ter aí mando apaixonado! Despede a meninice, galãnhão: Bar do Chique a partir do amansar-sol!" E se esvai.

Produto da branquinha,

Até que a morte

acreditou ser o devaneio do amigo. Ou troça de ansioso pretexto para o bater do ponto no ponto rodoviário. Mas foi, não carecia a recusa. Pôs gola de camisa grossa, marca da cidade, feita sem-demanda, roupa mais que de gala do lugar Chique. Nas ruas, as duas até o destino, outras vozes despachavam-lhe congratulos. Chegara a caçoada nos vizinhos? Não recordava fazer anos no ventoso agosto, mas cogitou puxar na mente os tempomimos de mamãe, e não pôde conectar aquelas violetas pétalas das ruas aos aniversários nos quais a santa senhora fazia dele menino -manjedouro.

Atingido no bar por novos urros, achou despeito caso-fosse proposital jocosidade; lá vinha Escalhote em sorriso — os braços muito abertos: formato de cruz ou de abraço? "Sabia que vinha! Felicidades!". E o estopim esporou no confuso homem. "Escalhote, qué que fiz de grandioso nessa vida para os bens?", e, antes da resposta,

outros ébrios amigos bradaram interrompidos o último dos jegues livres do bando. Gargolejos floriram. sório só amanhã, hoje festa, Honô!". Arrepiou-se de panos de manga. Quem é que ia a matrimônio, pois que ele de nada sabia? Pediu favor parar o enceno, seguiu-se um murro no que primeiro continuou, e o caído levantou-se advogado de Honorino, relatando que a prévia do seu juntar-se também havia produzido semelhante nervoso, que não guardava a dor o soco, somente queria gelo para não roxear a fotografia. Muito estranhado, resolveu dar-se à conveniência de apagar da lembrança, como todo o resto esquecido que guardava nalgum canto de si, aquele dia chateado. Branquinhas doses. Sorria, a comemorar, senão um engano, ao menos a reunião da turma. Pá-pum: rua, flor, casa, cama.

No dia seguinte, não sumidos os sintomas, concordou: havia, de alguma forma, contraído matrimônio. Na-

quela manhã, recebeu do carteiro envelopes assinados das amizades, que financiavam, no mais, a lua-de-mel. Outro envelope, este remetido, endereçado a um João-das-Quantas, desconhecido dele e do carteiro, continha o convite de papel cartolina escrito à tinta preta de ponta fina: Convidamos você e família para o casório de Honorino com Vilete, oito da noite, na Igreja. Preciso o dia que era aquele próprio. Vilete era para ele outra João-das-Ouantas. Mas o convite indicava o emissor do cartão, o endereço honorino. Tinha noivado, estabeleceu, e não sabia de quem. Vilete, sabia ele; mas não sabia. Quis pedir socorro maternino, e gastou seu uivo na manhã em que o rádio secara a goela. Branquinha!

Recusada no Chique, amigou o dono do bar ao noivo enxotado a bagatela de uma secreta dose, intento de abafar de ânimos, mas que descesse em casa, recluso, e lá se aprontasse sóbrio para o seu grande dia de sua noiva. Em

horas, sua digníssima. Foise, voltando. A poeira sobre as pétalas a cobrirem as ruas nuas. Entre os dedos, amassou uma, e sob o odor pregou uma reza, os dedos apontados no céu venturoso: de que a futuríssima assim em bálsamo fosse. Lembrou da mãe, próximo ao portão. Pôs-se em esperanca de que fosse dela a artimanha, ou ao menos abençoo; santíssima sua que era.

Num afago brilho, banhou-se, barbeou-se, restou somente o bigode, como o do homem da fotografia que a mãe não retirou da parede, apesar do abandono sentido. O espelho a sorrir, de penteado, e um terno desbotado nunca doado pai. "Sou o próprio indevido, ou um renascente memoro?", balbuciou. O lá fora um círculo branco iluminava a frio. E saiu-se a casar mesmo. Vilete nada nele evocou até que a morte veio juntar perdidos.

Maria Clara Augusto – Tetracampeã Mineira de Karatê

Em Araguari, aconteceu nos dias 04 e 05 de junho a grande final do Campeonato Mineiro de Karatê 2022, que contou com cerca de 850 atletas de 73 academias.

A atleta montessionense Maria Clara Augusto foi defender seu tricampeonato e saiu de lá com mais um título. Agora ela é tetracampeã mineira de karatê!

Para viajar para Araguari, Maria Clara teve apoio da Prefeitura Municipal de Monte Sião, através das Secretarias de Esporte, Educação e Trânsito, além de patrocinadores e pessoas solidárias que incentivam a atleta a continuar competindo.

Maria Clara também contou com apoio dos Pro-

fessores Fábio Cadan e Paulo Simões e dos colegas de treino.

Com este resultado Maria Clara conquistou a vaga para participar da Etapa Classificatória do Campeonato Brasileiro que acontecerá entre os dias 13 e 17 de julho na cidade de Uberlândia. Até lá, a atleta vai intensificar os treinamentos e novamente buscar parcerias para viabilizar sua participação. Ela é bicampeã brasileira e campeã dos Jogos Escolares Brasileiros e fará todo o possível para trazer mais um título para nossa cidade.

O JMS e a Fundação Cultural Pascoal Andreta parabenizam a atleta e desejam todo o sucesso nas próximas etapas.







Porcelana, Amore Mio

A ARTE DE UMA HISTÓRIA MOLDADA EM ARGILA E PINTADA A MÃO



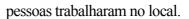
MÁRIO AUGUSTO POCAI

A Porcelana Monte Sião foi fundada em 1959 pelo Sr. José Pocai. O início foi muito difícil, pois na cidade não havia pessoas preparadas para trabalhar na produção de porcelana. Cerca de dois anos após a fundação, o Sr.

Antonio Daldosso, conhecido como Toninho da Fábrica, se mudou com a família de Pedreira para Monte Sião para administrar a fábrica. O Sr. Antonio Daldosso sempre foi um excelente profissional, muito trabalhador e, em pouco tempo, a fábrica estava sob controle e com a situação financeira equilibrada.

No início, a produção era pequena e fabricava-se somente pequenos bibelôs.

Visando atender o mercado das festas de cerveja e chopp, a Porcelana Monte Sião passou a produzir canecas. Foi a época em que a empresa mais produziu, e foi necessário construir um segundo forno. Cerca de 120



Em seguida, sob a encomenda de um senhor de origem portuguesa, foi reproduzida uma jarrinha azul e branca recém trazida de Portugal. Essa peça fez tanto sucesso que passou a fazer parte da linha de produção da empresa. Outros modelos parecidos foram desenvolvidos e produzidos, e o sucesso foi aumentando.

Para diversificar a linha de produtos, foram sendo desenvolvidas peças domésticas, como xícaras, pires, travessas, canecas, copos, etc.

O processo é 100% artesanal. Moe-se a matéria prima, faz-se os moldes, estampa-se confecção dos moldes, as peças giratórias para aplicação da pintura artesanal, as prateleiras onde as peças ficam acondicionadas para secagem e até mesmo o forno a lenha.

Quando a fábrica foi instalada, a cidade de Monte Sião era basicamente rural, não havia turistas, nem comércio significativo. As vendas no início se restringiam a pequenos eventos e feiras nas cidades vizinhas. Alguns anos após, foi inaugurada a loja, no mesmo local da fábrica. Fazia-se plantões na cidade vizinha de Águas de Lindóia, com a finalidade de atrair turistas para visitar a fábrica. Com o aumento de turistas pintura e no esmaltamento das peças; na queima a cerca de 1250°C, sendo que esta garante a resistência, a rigidez e a durabilidade dos produtos e, mas principalmente, no carinho com que os profissionais cuidam das peças.

O diferencial das nossas porcelanas é justamente a valorização do artesanal, do exclusivo, onde cada peça é tratada como única, o que nos garante uma clientela de bom gosto e que sabe valorizar a arte de fazer porcelana.

As pétalas são pintadas artesanalmente, pacientemente uma a uma.

Produção artesanal. Não existe uma igual a outra.



retira-se as rebarbas das peças, aplica-se a pintura artesanal e, por fim, as mesmas são colocadas no forno até ficarem prontas para o comércio. O forno era a lenha até o início de 2022, quando foi substituído por um a gás.

Todo maquinário necessário para a produção das porcelanas foi engenhado na própria fábrica, desde o 'Tamborão', um enorme tambor que gira num eixo central moendo a matéria prima, o torno que é utilizado para

visitando a fábrica, as empresárias locais começaram a fazer ponto no local para vender suas malhas tecidas em suas casas.

Apesar de tantos anos de existência, a Porcelana Monte Sião não se rendeu até hoje à tecnologia e produz, de forma artesanal, uma porcelana da mais alta qualidade. Os segredos da empresa estão na qualidade da matéria prima; na preparação da massa; no processo de enchimento dos moldes; no acabamento, na

Cada peça é única!

Este é o segredo do sucesso da Porcelana Monte Sião.

LEGENDAS: 1 - Vista geral da construção da fábrica 2 - José Pocai e seus sócios Antônio Daldosso e Aurélio Jacomassi; 3 - Antônio Daldosso acompanhando a produção no setor de acabamento; 4 - Construção do primeiro forno; 5 - José Pocai (fundador), seu pai Pedro Pocai e outros amigos (da esquerda pra a direita); 6 - Vista do primeiro forno.









CURIOSIDADES ASTRONÔMICAS - UM PAR PERFEITO: A TERRA E SUA LUA

J. CLAUDIO FARACO

As pessoas geralmente pensam nos planetas como objetos no céu, como Júpiter e Marte. Os gregos antigos – e pessoas por séculos depois - fizeram distinções entre a Terra, que era considerada o centro do Universo, e os planetas. Eles pensavam nos planetas como sendo pequenas luzes no céu que giravam em torno da Terra. Hoje já sabemos muito mais coisas. A Terra não é o centro do Universo. Ela não é nem o centro do Sistema Solar: o Sol fica com esse título. A Lua orbita em torno da Terra, junto com centenas de outros satélites artificiais, e é isso. E junto com a Terra na órbita em torno do Sol estão outros sete planetas no Sistema Solar, inúmeras outras Luas, um cinturão de asteroides, milhões de cometas e mais. No entanto, até onde sabemos, a vida em nosso Sistema Solar existe apenas na Terra. E você não vai encontrar outro lugar no Sistema Solar que se pareça tanto com o nosso lar. A Terra é o que os astrônomos chamam de planeta terrestre – um tipo de definição redundante, porque terrestre é o que a Terra certamente é. Todavia, o significado científico é de um planeta feito de rochas que orbita em torno do Sol. Os quatro planetas mais próximos do Sol são os planetas terrestres do Sistema Solar: Mercúrio, Vênus, Terra e Marte, na ordem de distância do Sol.

Adivinhe! Homens não são de Marte e mulheres não são de Vênus! Na verdade, nenhum desses planetas têm condições de manter vida como conhecemos. Vênus é muito quente, Marte é muito frio, e os cientistas não têm conhecimento de que algum tenha água líquida. A superficie sólida da Terra na qual pisamos é a crosta. Abaixo da crosta ficam o manto e o núcleo. O núcleo tem a maior parte de ferro e níquel e é extremamente quente, chegando a sete mil graus Celsius no centro.

Indo aos extremos lunares:

quando o Sol estiver a pino, a temperatura na superficie lunar pode chegar a 117 graus Celsius, porém à noite ela cai para cerca de 169 graus negativos. Essas mudanças de temperaturas extremas se devem a ausência de qualquer atmosfera significativa para isolar a superficie e reduzir a quantidade de calor que ela perde durante a noite. A Lua não tem água líquida. A superfície é muito quente, muito gelada e muito seca para sustentar vida como conhecemos. E não há ar para respirar.

O Sol:

Esquerda X Direita

O Sol é uma estrela, uma bola quente de gás brilhando com sua própria fonte de energia de fusão nuclear. A energia produzida pela fusão dentro do Sol faz brilhar não só o Sol, mas também muito das atividades no sistema de planetas e destroços planetários que cercam o Sol. Ele produz energia em grande escala, equivalente à explosão de 92 bilhões de bombas nucleares a cada segundo. A energia vem do consumo de combustível. Se o Sol fosse carvão em chamas, ele iria queimar cada pedaço de si mesmo em apenas 4.600 anos! Entretanto, evidências fósseis na Terra mostram que o Sol brilha por mais de três bilhões de anos! Somente fusões nucleares conseguem produzir energia suficiente para fazer o Sol brilhar - sua luminosidade – e fazê-lo viver

por bilhões de anos. Perto do centro do Sol, a enorme pressão e a temperatura de mais de 16 milhões de graus Celsius fazem os átomos de hidrogênio se fundir em hélio, um processo que libera a gigantesca quantidade de energia que o faz brilhar. Cerca de 700 milhões de toneladas de hidrogênio se transformam em hélio a cada segundo perto do centro do Sol, e cinco milhões de toneladas desaparecem e se transformam em energia.

Fonte consultada: Livro "Astronomia para Leigos" – For Dummies.

É isso, até a próxima edição...

JAIME GOTTARDELLO

Com a proximidade das eleições presidenciais, o trincar de dentes, ofensas e agressões entre opostos voltaram com força renovada. É a estéril e eterna luta política do Bem contra o Mal, do nós contra eles. Difícil é saber quem é o Bem e quem é o Mal. Quem somos nós e quem são eles. Os radicais de direita e esquerda sempre vão julgar o diferente com emoções desprovidas de mínima racionalidade.

Para os extremistas da esquerda, o Estado Original deveria ser o comunismo primitivo,

ateu, o que seria um absurdo para a direita radical. Para esses, o Estado Original deveria ser pautado no Cristianismo. O problema da situação política para os radicais de esquerda reside na divisão não-igualitária do trabalho e na propriedade privada. Isso gera um conflito de classes que só pode ser resolvido com a Revolução, de preferência armada. Após isso, viria o Socialismo/Comunismo e tudo estaria resolvido. Claro, tudo isso se a direita radical não se opor. Para esses, o pecado e a degeneração moral são o problema que levam à crise. Há um conflito entre o Bem e o Mal que só pode ser resolvido com a volta de Jesus e que teria como resultado uma espécie de paraíso na Terra.

São ideias antagônicas e radicais que se anulam e esse debate ainda é apimentado por "pensamentos" que estão há tempos no imaginário das pessoas:

1 - O país é sustentado por gente boa e trabalhadora como nós, mas temos pouco ou nenhum poder. Para a direita, essas "pessoas boas" são a classe média de pequenos empresários, agricultores e trabalhadores autônomos/liberais. Para a esquerda, são os trabalhadores que fazem o serviço pesado, ou seja, as pessoas que trabalham

com as mãos nas fábricas e nos campos.

2 - Embora importantes e trabalhadores, nós, boas pessoas, somos explorados e dominados pelos poucos que estão no topo. Para a direita, isso significa burocratas, financistas internacionais, intelectuais e liberais estéreis. Para a esquerda, isso significa os exploradores capitalistas.

3 - Além disso, nós, pessoas boas, temos que lidar com os inúteis, aqueles que não contribuem para o bem geral da sociedade como nós. Para a direita, isso significa os supostos vagabundos do bem-estar, sindicalistas, artistas etc. Para os esquerdistas, significa o "lumpemproletariado" apático e crédulo. O que Marx definiu como as pessoas sem consciência de classe e consequente desinteresse na revolução e luta dos trabalhadores.

4 - Como esse estado de coisas não é justo para a maioria boa e trabalhadora, temos o direito de estar com raiva e devemos nos organizar para criar mudanças sociais que tragam uma nova ordem social. Para a direita, isso significa um retorno a um mundo de pequenas empresas, governo mínimo, separação de gêneros e domínio cristão. Para a esquerda, significa uma transição para a igual-

dade econômica com o fim do capitalismo, antiglobalização e fim do conceito de separação de gêneros.

Aristóteles há muito já dizia sobre os excessos e defeitos (falta) em relação às Virtudes. É essencial que exista um equilíbrio entre esses vícios. E isso vale para tudo na vida, especialmente para a política.

Mas parece que só nos resta sentar, chorar e correr para os braços do Mito. Podemos também aceitar que o Pai dos Pobres é a Pessoa Mais Honesta deste País. Enquanto isso vamos nos equilibrando na fina linha que separa a Virtude do Vício.

A Varanda

ZUCA

"_ Tá chegando uma chuva boa". Afirmava sempre certeira minha vó Francisca, entre uma cachimbada e outra de seu pito com fumo de rolo, olhando para as bananeiras tombando para direita lá no alto do morro do Chiquinho, bem de frente para a sua varanda.

A varanda foi construída em 1978, na mesma reforma que tirou o fogão de lenha da cozinha da casa da vó. Pois é, algumas coisas melhoram, outras ...! Antes de ser uma varanda, era uma sacada estreita, descoberta, que saía pelas portas da cozinha e da sala de jantar e descia por sua escada até o quintal. Até esta reforma, no alto da escada tinha uma porteirinha, onde o cachorro Pancho, um simpático e gigante pastor alemão, ficava deitado e lá embaixo um rasta-pé de ferro para tirar o barro dos sapatos.

Voltando às previsões do tempo, ela sempre acertava. Se as bananeiras tombassem para direita com o vento vindo de Ouro Fino, a chuva ia ser boa, daquelas que regam

as plantas e embalam os sonhos. Mas se as bananeiras tombassem para esquerda com o vento vindo de Socorro, era chuva das brabas, daquelas de raios e trovões, que já fazia minha vó pedir para a querida Rita, sua fiel escudeira, para pegar Palma Benta do Domingo de Ramos na despensa e queimar, para espantar a chuva.

Bem na reta da escada para o quintal, ficava a Poltrono (assim mesmo no masculino) da minha vó. De lá ela reinava sobre toda a família e sobre seu reino que se derramava além do pé da escada até a cerca de taquaras que dividia com o quintal da minha mãe. De lá ela via o tanque de lavar roupas (tanque não, vasca. Desculpa, Vó.), via os seus canteiros de flores, seus canteiros da horta, via o segundo quintal com as galinhas e as árvores de frutas. De lá ela ainda via a porta da cozinha da casa da minha mãe, que em épocas em que ela poderia se preocupar com o meu pai, ela conseguia conferir se ele já estava em casa.

Aquela varanda era a verdadeira Sala de Visitas da casa. Todos os parentes e amigos entravam pelo corredor, geralmente sem tocar a campainha, que por vezes pegava minha vó no flagra dando suas baforadas. Ela cuspia na latinha e escondia depressa o pito, como se ninguém fosse sentir o cheiro forte de fumo. As visitas se espalhavam pelo sofá e quando precisava ainda com cadeiras da cozinha. Ali chegava o cheiro de bolo assando no forno, o cheiro de café escorrendo pelo coador e o cheiro do chá de erva-cidreira, o mais perfumado dos perfumes que vinha da cozi-

Samambaias e outras plantas penduradas, emolduravam aquela varanda e balançavam ao vento. Minha vó lia todo dia a Folha de São Paulo, que o tio Airton assinava e mandava entregar lá para ela. Esse costume de ler o jornal ela passou para muitos de seus netos. Era muito bom ficar ali no sofá lendo política ou esporte e debatendo com ela. Infelizmente para mim, ela era palmeirense roxa, sabia a escalação e classificação do "porco" nos campeonatos, mas para minha felicidade,

eles não eram grande coisa naqueles anos.

Política então ainda era uma delícia de se viver. E naquela varanda se viveu política. Ali ouvi em 1982 que o Tancredo Neves era amigo e mesmo com toda a família votando contra ele para governador de Minas por um acerto político local, minha vó votou a favor. Ali minha vó deu a benção para o Ernesto ser candidato a vereador pela primeira vez. Ali rimos com vitórias e choramos com derrotas.

Muitas vezes a varanda foi uma extensão da Sala de Jantar. As tias punham lá fora a mesa para os mais jovens, para que os adultos ficassem na mesa grande de dentro. No Natal, geralmente calor, os tios ficavam também ali contando histórias e tomando vinho, até se sentarem para a Ceia. Ainda hoje ouço Il Mondo ou Dio come ti amo, com as lembranças desses almoços e festas de família.

A varanda também era um lugar religioso. Quantos terços minha vó deve ter rezado ali pedindo para Nossa Senhora cuidar de nós. A figura dela sentada com um cobertor aquecendo o colo, pitando e dedilhando o Rosário, é quase que como a imagem de um Santo. Talvez seja Sant'Ana, a sábia e carinhosa avó de Jesus. Estar com ela nesses momentos era uma benção mesmo sem ser benzido, apesar de sempre pedirmos sua benção.

Nessa varanda apresentei a Patrícia para minha vó em 1992 e ela nos abençoou quando contamos que iriamos casar alguns anos depois. Nessa varanda, apresentei minhas filhas logo depois que nasceram para ter sua benção e a partir daí começamos a nos referir à avó como Bisa. E as meninas talvez tenham suas maiores lembranças da Bisa na varanda, sentada, pedindo para alguém trazer a lata de bolachas que ela fazia questão de abrir com suas mãos já tortas rondando os 100 anos e entregar para cada uma das meninas uma dourada, vitaminada e deliciosa bolacha de maisena, que até hoje são homenageadas em casa como A Bolacha da Bisa.

Minha vó contou muitas

histórias nessa varanda. O Lola pegou muitos depoimentos dela para seus livros. O Cláudio Faraco também foi ouvi-la para este jornal, no seu aniversário de 100 anos. Algumas histórias conto por aqui, outras guardo na lembrança. Algumas hoje já se misturam a lendas, como a nossa brincadeira de criança que embaixo da varanda morava um Monstro. No máximo eram aranhas e escorpiões que ficavam em um monte de telhas reserva. Ou que o João Barbosa guardava ali as gar-

Outro dia espiei do quintal das galinhas e vi um dos gatos da Edna Galbiatti (que mora hoje na casa) subindo a escada. Lembrei de uma foto bonita que minhas filhas e o João Pedro, filho do Charles, estão crianças, sentadinhos na escada, brincando. Quando olhei mais para o alto, minha vó estava sentada no Poltrono dela, apontando o dedo para mim e então resolvi contar isso tudo aqui para vocês.

rafas onde prendia os sacis.

ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL – MARCO LEGAL

L. A. GENGHINI

Já que o assunto está em pauta no município de Monte Sião, com a provável construção de prédio e instalação da primeira escola em tempo integral, seguem aí os Principais "marcos legais", no âmbito federal, que regulamentam a ampliação do tempo de permanência de crianças e jovens na escola, partindo da Constituição de 1988 (Fonte: ht-

tps://educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/marcos-legais. (29/04/2022):

- Na Constituição Federal de 1988, o Art. 6° e o Art. 205 tratam da educação enquanto direito de todos e dever do Estado.
- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/96 – prevê a ampliação progressiva da jornada escolar do ensino fundamental para o regime de tem-

po integral especificamente nos artigos 34 e 87.

- A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em seu Capítulo V, artigo 53, complementa a proposição de obrigatoriedade do acesso e da permanência na escola.
- A Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE), aponta a Educação Integral como possibilidade de

formação integral da pessoa, avançando para além do texto da LDB, ao apresentar a educação em tempo integral como objetivo do Ensino Fundamental e da Educação Infantil. Além disso, propõe como meta a ampliação progressiva da jornada escolar para um período letivo de, pelo menos, 7 horas diárias.

A Portaria Normati va Interministerial nº 17, de
 24 de abril de 2007 institui o

Programa Mais Educação, que visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades socioeducativas no contraturno escolar.

• O Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, dispõe sobre o Programa Mais Educação, destacando no Art. 1º a finalidade de contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças,

adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral.

• A Lei nº 13.005, de 25 junho de 2014, em sua Meta 6 trata da oferta da educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica.

MEMÓRIAS DE PAOLO PANCIOLI - 10

O Tio Francesco tinha, em Montecatini, uma pequena fábrica de cola e comercializava produtos para a indústria gráfica. Inclusive, nos ofereceu a fórmula e as informações caso tivéssemos interesse na produção de cola. Assim como Piero antes de mim, eu também fui a Montecatini para conhecer melhor essa atividade e assimilar conhecimento e particularidades. Passado o verão, com a maior parte da bagagem já pronta, enfrentei novamente os últimos exames. Com certeza Deus me deu uma mão porque fui aprovado e até hoje não encontro uma explicação melhor. Apesar da pouca utilidade do diploma, devo confessar que fiquei extremamente orgulhoso e me emocionei de tanta felicidade. A essa altura, compramos as passagens com muita dificuldade em uma agência de viagens em Lucca para o navio Eugenio C que devia partir de Genova por volta de 20 de outubro, se me lembro bem. Dois ou três dias antes, fomos comunicados, que por um motivo pouco claro, não tínhamos mais os lugares comprados. Se não quiséssemos perder um mês esperando o retorno do Eugenio C, ofereciam lugares similares num navio que fazia pela

primeira vez uma viagem para a América do Sul no dia 22 de outubro.

Depois de uma breve consulta entre nós, decidimos arriscar para não complicarmos a logística já preparada. Tomada a decisão, restou somente o problema de nos despedirmos dos parentes, em especial Ombretta de dois anos e meio, os amigos, a casa, os conhecidos, Barga, as montanhas e o nosso passado com todas as lembranças boas e ruins, mas dramaticamente ligadas à nossa vida. Enfim, adeus Itália!!!!!

Certamente foi o momento e o passo mais dificil. Acompanhados pelos tios Renato e Enrico fomos para Genova e depois de muito choro, embarcamos no navio Protea.

Felizmente, confuso por tantas emoções e em seguida sofrendo de enjoo, não me dei conta da realidade do navio e quando isso aconteceu, eu já havia me conformado. Na realidade o navio estava fazendo sua primeira viagem para civis. Havia sido pintado para transportar refugiados de guerra da Europa Oriental para os diversos países da América do Sul. Era de origem alemã e havia sido confiscado pelos aliados ao fim da Primeira Guerra Mundial e utilizado de diversas maneiras entre as duas guerras antes de transportar tropas na última. Tinha quatro ou cinco grandes salões com cerca de 100 beliches cada com separação apenas entre homens e mulheres. Comíamos com pratos e copos de alumínio. A comida, felizmente, não lembro, enquanto o café parecia uma infusão de bitucas de cigarro. Os banheiros naturalmente eram comunitários e com água do mar. Um desastre total. A IRO, a organização internacional que se encarregava dos refugiados, com certeza ofereceu a bom preço às agências de viagem os lugares restantes para completar a lotação e nós, incautos, tínhamos caído na arapuca.

Todos os nossos protestos com o comissário de bordo italiano foram inúteis. Procurou amenizar os problemas, mas explicou que não tinha nada de ilegal e não podia fazer nada. O meu enjoo me incomodou praticamente durante toda a viagem (*). A mamãe, a Pina e a Roberta suportaram tudo de maneira bem melhor que eu. De Gênova, fomos para Napoli e Palermo aonde pudemos desembarcar. Em seguida paramos de fronte a Gibraltar e, saindo do

Mediterrâneo seguimos para as Ilhas de Cabo Verde onde fizemos uma breve parada ao largo, antes da travessia do Atlântico. O nosso destino era Santos, mas dois dias antes da chegada, informaram que o desembarque seria no Rio de Janeiro e de lá, por ferrovia, chegaríamos a São Paulo. A notícia provocou uma avalanche de reclamações, protestamos com o comandante e com o comissário, mas foi tudo inútil. Estávamos na mão de "piratas". Tivemos que mandar um telegrama avisando Papai e Piero da novidade e com toda a bagagem fomos transferidos perigosamente do navio para uma balsa no meio da Baía de Guanabara e de lá definitivamente desembarcados no porto. Quando ainda estávamos a bordo tivemos a felicidade de ver Piero, que com uma lancha, tinha vindo próximo ao navio para nos cumprimentar. Com a agradável sensação da terra sob os pés, abraçamos o Piero como um salvador. Depois de termos jantado e dormido num hotel de quinta categoria oferecido pela companhia de navegação, na manhã seguinte tomamos o trem para São Paulo. Felizmente, tínhamos o Piero para nos dar coragem e

traduzir algumas informações. O trem parava frequentemente, mesmo fora das estações. A um certo ponto, parados no meio do nada, cansados, sufocados pelo calor e exaustos, alguém, talvez a mamãe, lembrou quando a Vovó Fanny contava, que nas suas viagens de trem para Jaú, às vezes, o trem parava e os passageiros iam no mato recolher lenha para alimentar a caldeira da locomotiva. Pensando na nossa situação, fomos tomados por um acesso de riso e de choro incontroláveis que durou um bom tempo, mas que teve o mérito de descarregar e aliviar o cansaço e as tensões. Afinal, de alguma maneira, não sei se depois de 12 ou 15 horas de viagem, chegamos na Estação do Brás em São Paulo. Era a noite do dia 12/11/1949, véspera do meu décimo nono aniversário. É impossível lembrar de todas as pessoas que nos esperavam na estação. Estavam lá parentes vindos dos quatro cantos de São Paulo e de Ouro Fino. Foi uma série infinita de abraços, apresentações, cumprimentos e choros que só acabaram depois de um jantar na casa do Tio Davino, quando emocionados e mortos de cansaço, conseguimos descansar na casa que Papai tinha alugado, na Rua Guimarães Passos 471 na Aclimação. Nesses primeiros dias, como se não bastasse o chocante contraste entre Barga e São Paulo, para complicar tínhamos que nos adaptar à língua, ao clima, aos hábitos, ao ambiente, etc... Apesar do entusiasmo do objetivo alcançado, não foi fácil assimilar e adaptar-se a tantas novidades e modificações dentro das dificuldades naturais da vida. O ambiente era dos melhores, uma vez que estávamos circundados de parentes prontos a ajudar-nos e de uma infinidade de vizinhos, que com a maior boa vontade e simpatia, se ofereciam para colaborar e resolver as dificuldades diárias. Muitos deles, entendendo ou falando italiano, facilitaram a nossa adaptação aos hábitos da sociedade local. Em nenhum momento, nos sentimos estranhos, rejeitados, hostilizados ou mal vistos, ao contrário, éramos valorizados e estimados além dos nossos méritos. A acolhida de todos foi cordial, afetuosa e fraterna. Tínhamos só a natural saudade da Itália e a ainda mais natural dificuldade de acostumarmos ao novo mundo. Precisávamos somente de tempo.

Diários de leitura incentivam alunos da Escola Padre Reinaldo à leitura e à escrita



CAROLINA NASSAR GOUVÊA

Durante as aulas de leitura, nas quais os alunos do oitavo ano do período vespertino têm a oportunidade de ler um livro, a professora de Língua Portuguesa Carolina Nassar Gouvêa pedia aos estudantes para, no fim de cada aula, fazer anotações

a respeito do livro escolhido em um diário de leitura. O livro "Descanse em paz, meu amor", do autor Pedro Bandeira, fez sucesso entre os alunos dos oitavos, seja pelas histórias de mistério presentes na obra, seja pelo ar de romance que a narrativa traz.

Durante o período de ensino remoto, em razão da pandemia, os alunos perde-

ram o hábito da leitura e escrita, por isso, a professora adotou esta estratégia como uma maneira de incentivar os alunos não só a ler, mas também a escrever. Além de relatar as impressões dos estudantes sobre o livro, os estudantes tiveram a oportunidade de relatar também a própria vida, já que o gênero textual diário é apropriado

para diversos tipos de relatos. Além disso, é muito mais fácil para o aluno querer escrever sobre algo que ele está lendo ou sobre algo de préprie actidiane.

do próprio cotidiano.

A aluna Vitória do Oitavo ano G encontrou no diário uma maneira de ser incentivada a voltar a escrever: "... eu costumava escrever muitas histórias e elas retratavam

romance ou críticas sociais, porém, eu acabei sendo criticada e passei bastante tempo sem escrever. Eu espero que sua ideia de diário me motive a voltar a escrever. Afinal, isso costumava me fazer muito feliz!"

Já o aluno Samuel Duarte
Camilo do Oitavo ano I relatou o que achou do livro:
"Hoje lemos uma história muito interessante. Gostei muito da parte em que a menina pediu ajuda para o médico para salvar sua mãe.
Depois, o médico descobriu que a menina já tinha morrido. Eu não acredito nessas lativido, eocreteia, coesao, dente outros aspectos pertinentes à avaliação textual dos alunos.

A professora acredita que o trabalho em sala de aula com leitura, escrita e o interpretação - este último aspecto trabalhado mais com as atividades da apostila do sistema de ensino "Aprende Brasil" - já tem trazido efeitos positivos nas aulas. Afinal, muitos

coisas".

Ana Luiza, aluna do oitavo ano H, relatou: "Hoje, na aula de leitura, chegamos à parte em que '[...] O doutor foi com a garotinha à procura de sua mãe, eles viram o corpo de uma pessoa e uma carruagem pendurada em uma árvore. Depois, acharam o corpo de jovem mulher que, supostamente, era o corpo da mãe da menina'.

Depois do término da leitura do livro nas aulas, os alunos ficaram tão empolgados que já perguntaram sobre o próximo livro a ser lido. Além disso, após recolher os diários de leitura, haverá uma aula na qual a professora Carolina pretende trabalhar os erros de escrita presentes no diário, afinal, a proposta - além do incentivo à leitura - é melhorar a escrita, verificar uso do parágrafo, coerência, coesão, dentre outros aspectos pertinentes à avaliação textual dos alunos.

A professora acredita que com leitura, escrita e o interpretação - este último aspecto trabalhado mais com as atividades da apostila do sistema de ensino "Aprende Brasil" - já tem trazido efeitos positivos nas aulas. Afinal, muitos estudantes do oitavo foram muito bem na avaliação do SONDAR, prova destinada a medir o conhecimento dos alunos a respeito do assunto trabalhado em sala, por meio da apostila. O material, segundo a professora Carolina, dá oportunidade ao professor de trabalhar diversos gêneros textuais de maneira interdisciplinar. Ademais, permite ao professor colocar sua metodologia em prática durante as aulas, propõe interdisciplinaridade e ainda sugere abordagens diversificadas para cada conteúdo a ser ministrado.

Pensativo

L. A. GENGHINI

A vida é um grande improviso inspirado no sopro divino, cujo roteiro "está escrito nos livros dos deuses" e que nós, na essência de nossa insignificância, ousamos chamar de destino.

Pois é, no mês de junho, ao completar 70 anos, peguei-me a pensar sobre nossa existência, pesando os prós e os contras e tentando vislumbrar o futuro, que, aliás, aos deuses pertence.

Passamos a maior parte do nosso tempo em atividades destinadas a assegurar um futuro melhor, com a finalidade de obter mais conforto, seguridade e longevidade. Trabalhamos em muitas atividades e exercitamos diversas profissões, afogamo-nos num mar sem fim de informações muito maior do que aquilo que seria suficiente para passarmos pela vida.

A cultura que era transmitida oralmente entre as gerações nos limitando ao necessário para uma vida normal, foi substituída pelo Google, pela televisão, pelo rádio e pelos celulares. Afogamo-nos diariamente num volume tal de informações que causa confusão e tumulto a ponto de tirarnos o sono transformando as noites em infinitas sessões insones povoadas por pesadelos onde nossa memória peneira imagens e sons do cotidiano colocando-nos mental e espiritualmente como máquinas instáveis e assustadas. De vez em quando vem a notícia de uma doideira total com mortes a serem contabilizadas enquanto no meio familiar a intolerância aumenta.

Estamos lutando para conviver com o turbilhão e tentando nos reinventar naquilo que é possível em busca da chamada

Qualidade de Vida.

Temos mais farmácias do que quitandas; temos mais clínicas de tratamento psicológicos do que igrejas; temos mais pessoas desgarradas se dedicando à azarar a vida dos demais em ações criminosas do que gente se comprometendo em ajudar o próximo.

A humanidade passa por uma terrível crise de identidade e ninguém sabe aonde isso vai dar.

Enquanto isto, uma parcela da população, e espero que seja a maioria, continua acreditando que é possível, permanece trabalhando e estudando, nadando nessa correnteza de desafios e tormentos diários, enfrentando todos os tipos de provações que essa época nos impõe.

Anima-me, no entanto, ver que ainda tem raras pessoas que se recusam a se desfazer de lixo na rua, que respeitam o meio ambiente, que leem livros e que oferecem o lugar no metrô ou no ônibus aos idosos; anima-me ver que ainda há empresários liberais investindo seus próprios recursos para gerar oportunidades e anima-me saber que ainda tem pessoas

que se respeitam, dão-se ao respeito e respeitam aos outros.

Por razões como estas ainda é possível inferir que há uma chama de esperança, um repositório de fé e uma brisa de paz que apontam para um mundo mais tranquilo, mais compartilhado e mais justo.

Esperando por dias melhores, mantenhamo-nos em nossa fé, em nossos atos construtivos e em nossas orações!

Até qualquer hora pessoal!

(El Libro de los Dioses, https://www.letras.mus.br/miguel-aceves-mejia/1538294/)

A SALVAÇÃO DO MUNDO

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Nas Sagradas Escrituras consta que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Então, poderíamos dizer que a "essência" de Deus estaria igualmente no ser humano. O DNA do bem. E se somos todos filhos legítimos do Criador, significa que somos todos irmãos. O que você acha?

O certo é que fomos expulsos do Paraíso. Em milhões de anos por aqui vieram o Dilúvio, a Torre de Babel, Sodoma e Gomorra, as Pragas do Egito,

entre tantos fantásticos acontecimentos bíblicos. Todos parecendo um "castigo" de Deus com sua principal criatura. Uma decepção divina. Numa última tentativa, talvez, enviou seu amado Filho para redimir a humanidade. Ele veio, pregou, fez milagres, ensinou que era o caminho, a verdade e a vida. Foi perseguido, flagelado e — depois de ser contraposto a Barrabás —, condenado e crucificado. Ressuscitou e partiu daqui imaginando que estava tudo certo. Que, finalmente, o bicho-homem tinha aprendido a lição.

Durante a Via Dolorosa,

quando Jesus carregava pelas ruas de Jerusalém a pesada cruz onde seria pregado, o diabo, que acompanhava com euforia aquele trágico momento, com escárnio, disse ao Salvador:

Seu sacrifício será em

Já se passaram mais de dois milênios. Olhe o mundo inteiro hoje e reflita. Centenas de milhões de crimes e tragédias e guerras acontecem todos os dias neste grão de areia perdido no universo, cometidos por "gente ruim", digamos, ladrões, assassinos, corruptos, larápios, enganadores do povo, enfim,

malfeitores de todo gênero. E responda com sinceridade: o ser humano aprendeu alguma coisa? O sacrifício de Cristo valeu a pena? O demônio estava certo? O mal é inerente à raça humana? O que significa dizer hoje em dia "Jesus, fazei meu coração semelhante ao Vosso"? O mundo ainda tem salvação?...

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores

"TIA ASSUNTA"

JOSÉ ANTONIO ANDRETTA

Tia Assunta era de outro tempo. Em sua casa, por exemplo, havia um fogão a lenha – um velho fogão de tijolos rebocados de vermelhão, no qual as panelas se assentavam numa trempa de ferro fundido, grossa e negra, estendida sobre as chamas das achas de madeira – que não foi desmanchado nem mesmo quando um fogão a gás chegou para substituí-lo. Ao pé daquele fogão, nas noites frias de inverno, minha tia cultivava uma boa prosa, sem pressa nem prazo, e desenterrava histórias quase esquecidas.

Perto do fogão, eu entremeava goles de café com recordações do tempo em que era menino e construía no quintal da casa de tia Assunta máquinas incríveis usando apenas latas vazias de óleo Sol Levante e minha imaginação. Perto do fogão, eu ouvia seus casos, mantendo com ela uma conversa quase de mão única, em que ela falava e eu só escutava. Às vezes, no entanto, quando ela interrompia a fala para remexer a lenha do fogão, eu dizia alguma coisa, procurando direcionar a atenção e a voz rouca de tia Assunta para um outro caso estranho, que já a tinha ouvido contar, mas que não me fartava em escutar mais uma vez.

E tia Assunta era mestra em contar essas histórias! Ela recolhia agui e ali detalhes aparentemente sem importância e com eles ia montando com soberba precisão um cenário no qual nada do que ocorresse iria parecer despropositado. Sua voz molda as minúcias ao ritmo da narrativa: era uma fechadura que emperrava sem explicação, mas, é claro, fechaduras podem não funcionar sem ser por artes do extraordinário; era um cachorro que gania assustado, mas, é claro, cachorros às vezes ladram e se assustam sem motivo; era um calendário que, sem aviso, despencava de seu lugar na parede, mas, é claro, não é estranho que o vento possa derrubar calendários da parede; era um bafo frio e arrepiante que de repente inundava o ambiente, mas, é claro, o frio não pede licença para entrar em nossas casas. Porém, esses detalhes minúsculos, insignificantes quando isolados, ao se justaporem formavam um vigoroso prenúncio do fantástico que, num crescendo, não tardaria a se manifestar.

E ele se manifestava através de sons, de estrondos descabidos, de cores inexplicáveis e de luzes vertiginosas, parando sempre um pouco além do limiar do possível, durando o suficiente para deixar uma profunda sensação de terror e desaparecendo sem deixar vestígios materiais.

Ao ouvir esses casos de tia Assunta, ficava em mim uma vaga impressão de que a narrativa há pouco contada poderia, com algum esforço, ser decomposta em justificativas racionais. Minha tia percebia minha desconfiança, media a incredulidade visível em meu rosto e então se aproveitava habilmente do clima que havia criado ao unir detalhes dispersos e soterrava minha hesitação com perguntas que não tinham resposta. No meio de seus questionamentos, o irreal ressurgia de minha descrença para perdurar enquanto fosse inexplicável, assim como entre as cinzas do fogão a lenha ressurgiam as brasas dos tições quando aviva-

Daí, depois de uma curta pausa e como fecho para a história, ela rememorava um detalhe engraçado, propositadamente deixado de lado ao longo da narrativa e seu riso áspero ecoava nas paredes enegrecidas pela fumaça do fogão. Nesses momentos, deixando no ar seu riso solto e alegre, eu reconhecia mia tia como sempre dela me lembro: despreocupada, contente,

como se as tristezas e dificuldades tivessem passado ao largo de sua porta, como se em sua casa somente houvesse lugar para o conforto de sua alegria, como se todas as aflições pudessem ser espantadas pelo poder dos sorrisos, como se na beira daquele fogão a lenha não coubesse mais nada a não ser uma estranha conversa de mão única que invariavelmente terminava em risos e em perguntas sem respostas.

Não me recordo jamais de ter visto tia Assunta abatida por alguma angústia ou triste por alguma diversidade, mas, é claro, posso estar sendo traído por minha memória. Sei que ela teve momentos ruins e que em algumas ocasiões as mágoas entraram por sua porta e se deixaram ficar como se tivessem chegado para tomar conta de tudo. Mas mesmo essa mágoas renitentes um dia foram embora, vencidas pelo riso fácil de minha tia Assunta. E, se nela deixaram marcas, suas cicatrizes jamais foram exibidas.

Tia Assunta, enfim, era uma pessoa alegre. E parecia também uma pessoa

livro Extraído do "Quando os tempos eram uma vez"

O canto da Poesia



73

Caracóis e estrelas miúdas me beiram

o tempo imenso me habitou de fantasias..

Em mim fadas e gnomos brincam de existir

e me ensinam que a vida é apenas brincadeira de fingir

José Carlos Grossi

Desdém

De desdém te vestes agora

De espinhos doídos também

Em vez da rosinha de outrora

Despetalas a beleza que tens

Do perfume que pouco exalas

Só um louco se sente refém.

Eraldo H. Monteiro

Arvore

'Velha árvore de sombra benfazeja, Onde pousam serenamente a passarinhada. Árvore onde se nidificam com certeza, Para quando os ovos picarem vir a ninhada ..

São pássaros silenciosos, cantadores, Carnívoros como o tucano e o gavião. Arrasam ninhos com filhotes, são depredadores E nos dias de hoje estão infestando a plantação ..

'As árvores são uma forma de natureza

Que representam a vida e a continuidade sagrada Dos mundos espiritual e físico'. É como se fosse a realeza 'Para simbolizar uma divindade' e não ser sacrificada ...

Com vários significados, suas serventias. Ajudam ao ser humanos em seu metabolismo E ao mesmo tempo seus frutos são de muitas valias ...

Desde os tempos antigos a árvore tem simbolismo

De uma beleza sem par e sustentabilidade. Não devemos considerá-la apenas como um matagal Mas de um grandioso bem para toda a humanidade...

Juao grandiosa e nossa Amazonia natural

Mesmo que seja apenas árvores para pesquisa. Devemos pensar nela como uma imagem sagrada E a grandeza que a nossa Amazônia simboliza ...

Será um Deus nos acuda quanto a sua derrubada,

'Pode-se concluir que todas as religiões, Em algum momento, fizeram alguma referência, À 'sacralidade' das árvores e como citações 'Isso pode levar' como a pedir clemência ...

'O Senhor fez brotar da terra toda sorte de árvores De aspecto agradável e de frutos bons para comer; E a árvore da vida no meio do jardim, E a árvore da ciência do bem e do mal'. 'Acho que isso é Deus apoiando a ciência e A ciência em consonância com Deus '...

(Ao ler a crônica de Jaime Gotardello, publicada no "Jomal Monte Sião", edição de março de

Arlindo Bellini

Ponto de Encontro

UGO LABEGALINI

A cada viagem feita para qualquer distância ou lugar do país, nós, caminhoneiros de Monte Sião, que se contados nos dedos seriam uns vinte – Pedro do Oscar, Gramory, João Padre, Irineu e seu irmão Geraldinho de Oliveira, Zé Prisco, Miltão, João Gaspardi - costumeiramente nos reuníamos ao redor do Posto São Pedro, construído pelo saudoso Zote Comune. Após alguns anos, o posto foi negociado com o também saudoso Ismael Bernardi, posto este atualmente pertencente ao seu genro Otávio Maurício.

Ali, o Menininho Passarela – depois dele o Dinarte do Carmindo e por último o João Kaloré – lavava e

pulveriza nossos caminhões deixando-os todos aprumados para a próxima viagem. Na valeta de serviços ao lado, a gente engraxava, trocava o óleo do motor, examinava o nível da caixa de câmbio e do diferencial, verificava a água do radiador e a solução nas baterias. Rente à bomba de combustível, abastecia com diesel e calibrava os pneus. Diversas vezes, além de abastecer fiado, o Ismael fornecia um galão de dezoito litros com óleo Brindila, para proceder à troca ao longo das viagens.

Os reparos mecânicos eram feitos na oficina mecânica construída também pelo Zote, onde trabalharam com ele o Telo e seu irmão Milo Mantovani. Mais

tarde foi passada ao Mauro

do Biu, que contou com os serviços do seu irmão Toninho e do Canaverde, sempre prontos e aptos a executar quaisquer consertos nos veículos.

Como se isso não bastasse, bem em frente ao posto no lado oposto da Avenida, estava o Gino Begalini, estabelecido com o seu bar-empório distribuindo sorrisos a nós e aos transeuntes. Às tardes, após lidar com os caminhões, encostávamos a barriga no balcão e, entre tira-gostos, cervejas e biritas servidos pelo caixeiro sorridente, a turma se esbanjava falando das vantagens, proezas e aventuras acontecidas pelas estradas da vida.

Quando era Domingo ou Dia Santo, mesmo que o tempo estivesse encardido,

a rotina parecia de festa. Todos de roupa de passeio, sapatos brilhando, longe da graxa e do óleo dos caminhões previamente preparados para o embalo costumeiro do transporte. Ali a gente se empanturrava até a chegada da noite. Esse hábito durou muito tempo. Era chegar de viagem e se enturmar com os companheiros no Ponto de Encontro.

Vinha a segunda-feira, cada um seguia o seu destino. Uns transportando por perto, alguns corajudos como eu viajavam pelos Estados nordestinos sem data de retorno. Assim fomos levando a vida, ou melhor, a vida nos levando.

Saudade, só saudade! Extraído do livro "Crônicas de um Caminhoneiro"



Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Nº 600 Junho de 2022

ÚLTIMOTREM

JUIHO DE 2022

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Dia 01 Claudiméia Schiavon Teles Cristiano Corsi Ismael Samuel dos Santos João Mariano Martins Júlia Silvério Labegalini Nádia Valeska de Queirós Dia 02 Ana Maria F. Righetto Benedito Aparecido da Silva Júlia Labigalini Nicioli, Jundiaí/SP

Dia 03 Beatriz Glória Comune Mário Roberto Vilas Boas Rafael Roberto G. de Faria Soraya Bernardi Dia 04 Aparecido Costa Eduardo Labegalini Neliton Labegalini, Maringá/PR Dia 05 Aparecido Gomes Filho Eder Zucato

Dia 06 Antonio José de Paula Ariadna Luana de Oliveira Ivone T. Comune da Costa Luciana Ferreira Godói Dia 07 José Raimundo Fernandes Josmar Beltrami, SP/SP

Gustavo Righeti

Márcio Antonio Diniz Marina de Fátima Barbosa Virgílio Viviane Guiraldelo Dia 08

Francisco Carlos de Faria Inês Machado Fávero Maurício G. da Silva Dia 10

Cyntia Labegalini, SP/SP Clayton Donizete Gâmbaro Danilo Labegalini Fernando Costa Trindade Isabel Cristina Pennacchi

Ronaldo Sebastião Virgílio Jr. Dia 11 Alexandre R. de Oliveira Antonio Carlos Pennacchi José Roberto Pereira Leandro Righeti S. Bueno Mariana Bernardi Oscar Felipe B. Milan Tiago Caroli Dia 12

Benedita da Silva Zucato Rildo Gomes da Silva Dia 13

Carlos Henrique de Souza Marcos Volpini, Meire Márcia Marcellino

Dia 14

Henrique Souza Bueno Marcos Antonio Milan Maria Ap. Coutinho Souza Maria José dos Santos

Mayla Silveira Paulo Henrique O. Azevedo Pierre de Lima

Roberto Wagner S. Fonseca Rosa H.B. Valdissera Santos Dia 15

Camila Fernandes Lopes Juliana Rodrigues Ferreira Lucila do Carmo Santos Mágilla da Silva Rodrigues Nadini Naguisa de Azevedo, Patrícia Labegalini De Nez

Marumbi/PR Paula Rossi de Oliveira Ramon de Castro P. Silva Dia 16

Maria do Carmo Renção, São Paulo/SP Dia 17 Danilo Henrique de Souza Júlio César Duarte

Paulo Henrique Machado Ygor Tadeu Comune Dia 18 Nilson Paschoal Gonçalves

Dia 19 Bruna Trindade Diniz Carolina de Castro Goncalves Eliana Maria Zucato Luís Henrique N. Zucato

Maria Carolina Bernardi, Valinhos/SP Paula M. Guarini Corrêa Sebastião Paulo Vitoriano

Dia 20 Célia Luiza G. Penachi Larissa Morais de Oliveira Luana Silveira Andreta, São Paulo/SP

Dia 21 Ana Cláudia Santos de

Christo Brenda Lindsey Fávero Jair Francisco Ruiz Jr. Dia 22

Augusto César Botareli Fátima Faraco Rafael Penachi Saulo Luis Genghini Sérgio Ricardo Righeti

Dia 23 José Luiz dos Santos Manuela Z. Mantovani Dia 24

Edina Maria Diniz, Mogi Guaçu/SP Heloísa de Jesus Barbosa Mário Lúcio G. Oliveira Dia 25

Antonieta Canela Caroli Cláudia A. Benatti Paula Daniela Silva Suely Barbosa Virgílio

Dia 26 Analu Armelin Pitelli Luiza Ferraz Regina Martins

Dia 27 Flávia Dias e Silva Jussara Laira Grossi Luiz Felipe Fabri

Márcia Zucato Pedro de Castro Ribeiro Neto

Regiane Vieira Toledo Dia 28

Gilberto A. Otaviano Humberto Guireli, SP/SP Dia 29

Cardini Tavares Odinino Dia 30

Antonio Martins Andreta Gisleine Lopes Pedro Mariano Martins Vitor Monteiro Guinesi Dia 31

Hercília Ruiz dos Santos Maria das Graças Barros Maria de Fátima Tavares

Silva Murilo Dias Fernandes Murilo Dias Regina Alves Martins

A todos, as felicitações da Redação!

CIÊNCIA EM MOVIMENTO

Essa feira de ciências aconteceu nos espaços do Colégio Monte-Sionense, entre os dias de 27/06 e 01/07. A exposição da Ciências em Movimento, promovido pela Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA), com apoio da Prefeitura Municipal de Monte Sião, é uma exposição itinerante da Fundação Ezequiel Dias (FUNED), vinculada à Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais e disputada por municípios mineiros.

A feira foi aberta para todas as séries de todas as escolas do município, o cronograma de visitação das escolas públicas foi elaborado pela Secretaria de Educação do Município e das particulares coordenado pelo Colégio Monte-Sionense. Além da Secretaria de Educação, também foram parceiros da FCPA as Diretorias de Saúde, Meio Ambiente e Turismo, além da Vigilância

Esperamos que alunos de Monte Sião tenham tirado bom proveito da participação, pois a feira/exposição é interativa e versa sobre o tema da saúde.

ACONTECEU NA FAMÍLIA LABIGA-LINI

"Não quero ser o Poeta das Estrelas quero simplesmente viver com elas" Esta é a primeira estrofe da primeira poesia do livro "PARA POUCOS OLHOS", de autoria do Marzio Labigalini (Márcio Roberto Labigalini), filho de Romildo Labegalini, neto de Último Labegalini, bisneto de Luigi Felice Labigalini e tataraneto de Luigi Labigalini. A quinta geração da família revela um poeta, que nesse livro expõe uma coletânea de escritos desde a juventude estudantil em Itajubá (onde cursou engenharia) e a vida madura de avô.

VIII (8°) ENCONTRO DA GENGHINA-**DA, PRESENCIAL EM 2022**

Continuam firmes os preparativos para a VIII Genghinada a ser realizada em 31 de julho em Monte Sião. Um encontro de família que se destina a promover a confraternização entre parentes, agregados e amigos e a continuar as tradições para que não se percam com

É um sonho se realizando a cada ano!

O OFÍCO DE GOVERNAR!

Governar é equilibrar-se entre o que é necessário e o que é possível. Para tanto, os governantes devem ser muito bem articulados no "caminho do dinheiro" para a obtenção de recursos e devem selecionar com critérios técnicos as suas equipes para a execução das obras. Ainda assim, tenderá a haver sempre uma fila de demandas reprimidas à espera de atendimento. Governar exige tirocínio, capacidade e habilidades técnicas e humanas, capacidade de ouvir, ponderar, decidir e gerenciar processos. E tenho dito!

RECORDANDO MILLÔR FERNAN-**DES II**

Millôr Fernandes (Rio de Janeiro, 16/08/1923 a 27/03/2012), nome artístico de Milton Viola Fernandes.

"Quando todo mundo quer saber é porque ninguém tem nada com isso". "O dinheiro não dá felicidade, mas paga tudo o que ela gasta".

"Se você agir sempre com dignidade, pode não melhorar o mundo, mas uma coisa é certa: haverá na Terra um canalha a menos".

UP MONTE SIÃO! AVANTE

Desde minha infância em Monte Sião, lá pelos idos da década dos 60, a cidade mudou muito. De um perfil típico de uma cidadezinha sonolenta de interior para uma cidade rica nos empreendimentos familiares da indústria de malha/tricô, na pecuária, na agricultura, e no turismo. O mais importante, porém, é que na atualidade dispõe de considerável número de restaurantes, pizzarias, hotéis e pousadas, pesqueiros e outras tantas possibilidades de lazer como o hiking oferecido pela @ecomonteturismo. Vem conhecer!

INVERNO EM MONTE SIÃO, COM-PRAS, COMILANÇA E SHOWS

Neste inverno de 2022, esperando pelo frio rigoroso, a cidade se preparou com oferta de hospedagem, gastronomia e diversão para receber os visitantes. A prefeitura programou o "Festival Multicultural de Inverno de Monte Sião" apresentando artistas locais e regionais, como Orquestra de Violeiros de Sion, Evaldo Carvalho e Jaqueline, Eduardo (Edu) Godoy, dentre outros e renomados artistas populares como Bruna Viola. Show de graça! Vamos lá...

A PUBLICIDADE NA MIDIA IMPRES-**SA, SÓ VANTAGENS**

Por que anunciar na mídia impressa? A vantagem do anúncio na mídia impressa é que ele se perpetua com o veículo de comunicação e fica disponível na recepção do hotel, no consultório, na sala de espera do restaurante, no salão de beleza, no barbeiro e atualmente vai, também, para a internet ampliando muito mais a sua capacidade de propagação. Cada vez que alguém folheia um jomal ou uma revista a sua publicidade está lá a estimular os sentidos do leitor em benefício de sua marca. Aproveite a deixa! Anuncie seu negócio, sua loja ou sua prestadora de serviços no "Monte Sião". O "Monte Sião" vai longe, levando seu negócio com ele!

FRIACA...

O inverno de 2022 promete! Na primeira onda fria de maio já teve geada e as bananeiras já estão com as folhas amarelas. Eita!

Fragmentos - 12

ARIOVALDO GUIRELI

- O teórico francês Roland Barthes, no texto "O que é a crítica", afirma que o objeto da crítica é o discurso de um outro, que a crítica é um discurso sobre esse discurso do outro, caracterizando-se, portanto, como uma forma metalinguística. Para Barthes, a crítica apresenta duas espécies de relação: a relação da linguagem crítica com a linguagem do autor observado e a relação da linguagem-objeto (a linguagem da obra) com o mundo. Para o crítico e teórico francês, é o "atrito" dessas duas linguagens que define a crítica. Nesse caso, a crítica não busca provas científicas sobre o texto, e sim o levantamento de hipóteses sobre ele, o que já é fundamental. A crítica pode contribuir com o trabalho pedagógico, já que o leitor, busca indicações e olhares sobre elementos de uma obra. Observe uma analogia em que se analisam as 'mesas redondas' de futebol. Tem quem goste tanto de futebol que só ver as partidas não basta, a pessoa tem de ver a mesa redonda sobre o assunto. A crítica literária é como a mesa redonda da TV. Não existe porque se quer um blá-blá-blá interminável, mas porque se espera perceber camadas novas de significação que não se havia notado e para entender a razão de se ter gostado daquilo. É por isso que, em contato com textos da crítica sobre um poema de Manoel de Barros, um romance de Graciliano Ramos, ou uma peça de teatro de Nelson Rodrigues, podemos ampliar os sentidos do que se apreciou sua leitura solitária. É sobre a leitura da obra que o crítico insiste que se alguém quiser saber alguma coisa sobre poesia, deverá fazer uma das duas coisas ou ambas. "Olhar" para ela ou escutá-la. E, quem sabe, até mesmo pensar sobre ela. O poema "A Língua Mãe" do Manoel de Barros, nas primeiras estrofes ele nos diz: " Não sinto o mesmo gosto nas palavras oiseau e pássaro. Embora elas tenham o mesmo sentido"(...).

Será preciso combater a urgência e a destruição causada pelo homem. Um homem sórdido que se esconde por trás das capas e copas. Santifica-se diariamente como na oração engatada no que apenas está escrito. A força da palavra invade o cérebro. Uma matilha escondida gravando tudo que as entrelinhas gravam. E se saltam para além das montanhas. Um relho estalando: eia, eia, eia...

Sem saber e sabendo do que sabia fazer, pois o canto nascera com ele, todos os dias trilava sua melodia mais rica e bonita. Alinhavava ao canto sua aparência também bela, pois seu corpo amarelo tinha um destaque especial na fronte onde o vermelho era resplandecente. Cantava em qualquer canto do país. Bastava ter petisco e água boa que ele espalhava esperanças. Um dia encontrou um olhar distante e perplexo. Triste. Quieto e angustiado. – Venha comigo e vou te mostrar o outro lado do enxergar. Venha! Mesmo a contragosto, e ressabiado, foi. Visitaram o país de norte a sul. Compuseram uma dupla do cantar afinado. E quando chegando o crepúsculo cada um soube que a vida tem silêncios que não se fotografam. O canto sim, é a representação mais livre e legítima de um povo!

- O gato comeu... O fogo apa-gou...A estrela sumiu... O quentão esfriou...As crianças desapareceram... Manoel Bandeira nos lembra "estão todos dormindo profundamente". Onde estão as nossas festas juninas?

Leia de Marcelo Mirisola " O nerói devolvido". Editora 34.

Este fragmento foi acarinhado pelo escritor José Alaércio Zamu-

Beijos gerais.



ACEITAMOS ENCOMENDAS

Pães e Massas Especiais **Panetones e Congelados**

> Rua J.K. de Oliveira, 1.170 Fone 3465-1368 Monte Sião - MG

ADRIANO - CHARLES - MAURICE

(35) 3465-1635 3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas **Bioanálise** Bioquímico: Ferdinando Righetto

• Teste do Pezinho ampliado Credenciamento com os Laboratórios: GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo) HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG



A melhor internet do Circuito das Águas Paulista

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671 Monte Sião: (35) 3465-4963 WhatsApp: (19) 99773-1001

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil AGRADECEMOS SUA VISITA Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO Rua Presidente Tancredo Neves. 194 Fone: 3465-1144



Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,

Praca Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180

VISITE NOSSO MUSEU



Everson Labegalini

Peças e Acessórios para Áudio e Vídeo Rua: Carlos Pennacchi º 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG Cel.: (035) 8404-5136